

Dekasseguis enviam mais dólares ao Brasil

Da Agência Estado

São Paulo — Estimulados pela alta do dólar no Brasil, os dekasseguis (brasileiros que trabalham no Japão) estão enviando mais dinheiro para seus familiares no país. Na sexta-feira, o Departamento Econômico do Banco Central (Depec) divulgou que as transferências de recursos dos brasileiros residentes no exterior para o País, no primeiro trimestre, fe-

charam em US\$ 604 milhões, ou seja, 32,16% a mais do que no mesmo período do ano passado. Altamir Lopes, chefe do Depec, disse que esse resultado é consequência da desvalorização do real e foi puxado, principalmente, pelos dekasseguis.

Segundo dados do Centro para Informações e Apoio ao Trabalhador no Exterior (Ciate), entre 1990 e 1996 a remessa anual média de dólares dos brasileiros no Japão foi

de US\$ 3,5 bilhões. No ano passado, essa quantia caiu para US\$ 1,7 bilhão.

“Com a desvalorização do real, no início do ano, boa parte dos brasileiros que estavam prestes a fazer o caminho de volta resolveu ficar um pouco mais no Japão e está mandando uma quantidade maior de dinheiro para cá”, admite Massato Niomiyama, presidente do Ciate.

Durante 1998, os dekasseguis vi-

veram na pele a crise econômica asiática, responsável por muitas demissões e, sobretudo, diminuição das horas extras. Com isso, os salários médios desses trabalhadores foram bem reduzidos. “Quem ganhava US\$ 3,5 mil começou a receber da noite para o dia aproximadamente US\$ 2 mil”, explica Sérgio Morinaga, presidente da Associação dos Imigrantes no Brasil (Asibras).

Mulheres, que até abril não po-

diam trabalhar à noite, agora podem fazê-lo legalmente nos mesmos cargos dos homens. “Obviamente, ganhando menos”, afirma Kazuo Shindo, da agência Sunmax, que encaminha brasileiros para fábricas no Japão. “Se os homens ganham US\$ 2 mil numa empresa, no mesmo cargo as mulheres recebem entre US\$ 1,2 mil e US\$ 1,5 mil”, ressalta Shindo.

Assim, a sobra de dinheiro dos

dekasseguis (depois de descontada moradia, alimentação e impostos) caiu bastante. “Também não podemos nos esquecer de que, com a crise econômica brasileira, o dinheiro que chega ao País está sendo usado pela maioria das famílias para cobrir despesas domésticas e não, necessariamente, em investimentos imobiliários, como ocorria muito há quatro ou cinco anos”, prossegue Morinaga.